

O ambiente escolar representado em “*conto de escola*”, de Machado De Assis

Cláudia Fernanda Freitas Maia¹

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
nandamaia8@gmail.com

Ana Paula da Mota França²

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
ana_paula_mota_franca@hotmail.com

Alcilene Pereira Seixas dos Santos³

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
alcilenseixas@yahoo.com.br

Alessandra Ribeiro Queiroz⁴

Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes
alessandra.rq@hotmail.com

Resumo

O presente trabalho objetiva analisar os desdobramentos que os personagens professor e aluno, mais precisamente Pilar e Policar-

¹Graduada em Letras Português pela Unimontes/Minas Gerais; pós-graduanda na Unimontes pelo curso de especialização em: “Didática e Metodologia do Ensino Superior”

² Graduada em Letras Português pela Unimontes/Minas Gerais

³Graduada em História pela Unimontes/Minas Gerais; pós-graduanda na Unimontes pelo curso de especialização em: “Didática e Metodologia do Ensino Superior”

⁴ Graduada em Letras-Inglês pela Unimontes/Minas Gerais; pós-graduanda na Unimontes pelo curso de especialização em: “Didática e Metodologia do Ensino Superior”;

po adquirem no ambiente escolar no decorrer do conto literário “Conto de Escola”, de Machado de Assis. Este estudo destaca-se por tratar de uma narrativa que transcorre sob a rememoração do personagem, seu narrador-protagonista, no que diz respeito aos seus tempos primários – tempos de escola – na cidade do Rio de Janeiro. Logo, este estudo demonstra que os episódios vivenciados pelos personagens do conto estariam expressos na narrativa por meio das representações que se desenvolvem durante o conto machadiano.

Palavras-chave: Escola. Representação. Professor.

Introdução

Este trabalho é fruto de um estudo realizado acerca do conto machadiano com o propósito de analisar os desdobramentos que os personagens Pilar e Policarpo assumem no ambiente escolar durante a narrativa.

Por meio de linhas gerais, apontamos que *Conto de Escola* foi publicado, pela primeira vez, no ano de 1884 no Jornal *Gazeta de Notícias*; de acordo com Roncari (2005), quase tudo o que Machado de Assis escrevia passava, primeiramente, pela imprensa, como: artigos, crônicas, críticas, poesias, contos e romances-folhetins. Dessa maneira, antes mesmo de ganharem a forma de livros, essas produções literárias machadianas eram publicadas em jornais e revistas. Ainda para Roncari (2005), o fato mencionado, anteriormente, está ligado à política de estímulo da produção do autor, contribuindo, assim, para a ampliação do seu público-leitor. Posteriormente, tomamos nota de que *Conto de Escola* foi selecionado para publicação em uma coletânea, intitulada *Várias Histórias*, no ano de 1896. Ainda, *Conto de Escola* trata-se de um trabalho literário narrado em 1ª pessoa, ambientado cronologicamente: “A Escola era na Rua do Costa, um sobradinho de grade de pau. O ano era de 1840.” (ASSIS, 1987, p. 219). Interessantemente, tomamos informação que a chamada “Rua do Costa” que aparece no conto, aqui em análise, corresponde, atualmente, a uma rua no centro da Cidade Maravilhosa.

A representação do professor na literatura

A partir dos fatos anteriormente apresentados, tomamos, para a realização deste trabalho, dentre os vários personagens do referido conto, a seleção por discussões acerca do Policarpo – figura representativa do professor, aliás, o mestre educador rígido do século XIX. Na realidade, tem-se um conto norteador pela rememoração do narrador-personagem Pilar – narrador enquanto criança – o qual hesita entre os espaços livres e fechados representados, respectivamente, pela rua, na qual os meninos brincavam e pela escola, onde se via sentado de pernas unidas, a saber:

Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma cousa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos (ASSIS, 1987, p. 220-221).

Ao final de tudo, o menino Pilar opta pela ida à escola, tendo por força maior um castigo que o pai havia aplicado-lhe, tal qual nos mostra o trecho da obra *Conto de Escola*:

Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro [...] Ora, foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio (ASSIS, 1987, p. 219).

Os traumas sofridos pelo menino Pilar não cessam; já na escola, recebe do filho do mestre, Raimundo, uma proposta impetuosa: o filho do professor Policarpo pede ajuda ao Pilar, em algumas lições que não havia aprendido e em troca pagá-lo-ia com uma moeda de prata; ainda, assim, o personagem-protagonista do conto, aqui em análise, não para de ser contrariado com as atitudes, não consideradas inteiri-

ramente boas, advindas dos seus colegas: outro aluno, Curvelo, delata Raimundo e Pilar ao professor Policarpo. Nesse momento, advém a figura do severo professor, o qual pune rigorosamente os meninos, aplicando-lhes castigo por meio da palmatória:

Estendi-lhe a mão direita, depois a esquerda, e fui recebendo os bolos uns por cima dos outros, até completar doze, que me deixaram as palmas vermelhas e inchadas. Chegou a vez do filho, e foi a mesma cousa; não lhe poupou nada, dois, quatro, oito, doze bolos. Acabou, pregou-nos outro sermão. Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados, e jurou que se repetíssemos o negócio apanharíamos tal castigo que nos havia de lembrar para todo o sempre. E exclamava: Porcalhões! tratantes! faltos de brio! (ASSIS, 1987, p. 225).

Ainda por esse viés, o personagem Pilar promete a si mesmo vingar-se do Curvelo – “Tu me pagas! tão duro como osso!” dizia eu comigo”. (ASSIS, 1987, p. 226) –, mas este foge com medo daquele. Logo, no dia seguinte, após sonhar com a moeda de prata – “E sonhei com a moeda; sonhei que, ao tornar à escola, no dia seguinte, dera com ela na rua, e a apanhara, sem medo nem escrúpulos...” (ASSIS, 1987, p. 226) – Pilar sai com a intenção de procurá-la, já que o mestre Policarpo assim havia feito, ou seja, arremessado a moeda à rua. Por conseguinte, Pilar sai a procurar a moeda, acaba encontrando um batalhão de fuzileiros, pelo qual se sente bastante atraído e acaba por acompanhá-los; logo após, volta para casa sem moeda e sem ressentimentos: “Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa. Voltei para casa com as calças enxovalhadas, sem pratinha no bolso nem ressentimento na alma.” (ASSIS, 1987, p. 227). Portanto, Pilar, segundo opiniões emitidas pelo próprio narrador, teve, no ambiente escolar, as suas primeiras lições, ou melhor, as primeiras demonstrações da existência da corrupção e da delação: “... Raimundo e Curvelo, que me deram o primeiro conhecimento, um da corrupção, outro da delação...” (ASSIS, 1987, p. 227).

Nessa perspectiva, tomamos conhecimento de que a literatura nacional – sobretudo, a escrita no século XIX – tematiza, veementemente, a ambiência escolar, recriando com verossimilhança e criticidade várias situações relativas às práticas disciplinares as quais, aplicadas na escola, se faziam valer dos castigos físicos; em leitura à *Conto de Escola*, percebemos a descrição machadiana sobre as palavras, as entonações, os olhares, as reações – veja-se a plasticidade do conto, aqui, analisado: “- Perdão, *seu* mestre...solucei eu./ - Não há perdão! Dê cá a mão! Dê cá! Vamos! Sem-vergonha! Dê cá a mão! (ASSIS, 1987, p. 225) – e, isso tudo, permite-nos entrar no mundo subjetivo do personagem; para Sacco, Machado de Assis leva-nos a respirar o ar da sala de aula, na qual “arquejava o terror” e conjecturamos, assim, a percepção de que o autor oferece a representação do professor para o leitor da época em que escreveu o conto e, inclusive, para as gerações futuras.

Em estudo à *Representação e Identidade do Professor em Conto de Machado de Assis*, Cecília Sacco explica-nos essa identidade e, posterior, representação da figura do professor, por meio das teorias de Bronckart (2003) e Bakhtin (1953); dessa maneira, Sacco nos mostra, à luz da teoria de Bronckart, que as condutas humanas decorrem do processo histórico e que a linguagem está presente na constituição do ser social, assim sendo, teríamos a consideração de uma tríade – atividade-linguagem-representação. Ainda nesse sentido, para Bronckart (2003), existem mundos representados, a saber: o mundo objetivo (físico), o social (regulado por normas) e o individual-subjetivo (agir dramaturgico); em *Conto de Escola*, do, também contista, Machado de Assis, tem-se a transparência dessas três divisões, sendo que o mundo objetivo, ainda de acordo com Sacco, é mostrado pela descrição da escola, dos campos, morros e ruas: “Morro ou campo? Tal era o problema. De repente disse comigo que o melhor era a escola.” (ASSIS, 1987, p. 219). Por sua vez, o mundo social é o que leva o protagonista à escola pela imposição do pai, em seguida, o suborno coloca em xeque a proibição de ensinar ao colega a lição e, depois, a experimentação do castigo do mestre Policarpo; por fim, o mundo subjetivo é amplamente explorado pelo fato de ser um texto narrado em primeira pessoa, o

qual permite ao seu leitor entrar na intimidade dos pensamentos e sentimentos dos personagens: “Dormi essa noite, mandando ao diabo os dous meninos, tanto o da denúncia como o da moeda.” (ASSIS, 1987, p. 226).

Diante disso tudo, depreendemos que, ainda segundo as teorias de Bronckart (2003), para a atividade humana, importa mais as configurações sociais do que as representações individuais; na verdade, tem-se a construção de fenômenos psicológicos construídos a partir da ação individual sobre o social, configurando-se não uma absorção passiva do externo, mas sim um produto do processo dialógico, ou seja, consideramos o sujeito como ser inscrito sócio-histórico-ideologicamente. Diante de um estudo como este, a representação da figura do professor-personagem em *Conto de Escola*, de Machado de Assis, entendemos que há a construção da representação do professor para o coletivo (como a sociedade vê o professor):

...o mestre fitava-nos. Como era mais severo para o filho, buscava-o muitas vezes com os olhos, para trazê-lo mais aperreado. Mas nós também éramos finos; metemos o nariz no livro, e continuamos a ler. Afinal cansou e tomou as folhas do dia, três ou quatro, que ele lia devagar, mastigando as idéias e as paixões. Não esqueçam que estávamos então no fim da Regência, e que era grande a agitação pública. Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. [...]Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer (ASSIS, 1987, p. 221).

À luz das teorias *bakhtinianas*, consideramos o discurso de autoridade, presente em *Conto de Escola*; temos a explicação de que o discurso autoritário é tido como estatutário da verdade absoluta. Em estudo de *O Encontro do leitor com a palavra alheia: leituras*

bakhtinianas, de autoria de Ramos e Schapper, encontramos que o discurso autoritário consolida, reforça, cristaliza significados fixos que não são modificados, quando em contato com outras vozes. Esse discurso está, evidentemente, vinculado à autoridade, tais como religiosa, moral, política, paterna, do professor; como estudo da representação do professor em *Conto de Escola*, receptamos a presença do, então, tipo de discurso autoritário e, assim, consideramos por conveniente falarmos algo a respeito, considerando, sobretudo, a brevidade que, o presente trabalho, permite-nos.

Concluindo, a título de melhor esclarecimento, mostramos que a palavra de autoridade se materializa no discurso de autoridade – como se fosse algo *já-lá*, Pré-Construído – e, dessa forma, não há espaço para a argumentação, refutação, contestação ou qualquer outra forma de objeção. Ainda sob a perspectiva do filósofo da linguagem – Mikhail Bakhtin – evidenciamos a proposta bakhtiniana de que o ser humano, inacabado, é receptáculo e produtor de valores sociais; assim, a realidade é compreendida como o resultado de um diálogo entre sujeito e objeto do qual nasce um significado; destacamos, dessa maneira, a linguagem na constituição social, o que não nos permite analisar o ser humano, integralmente, dissociado dos textos que ele produz. O mais relevante disso tudo, é que Bakhtin afirma-nos que a palavra é ideológica – a linguagem não é neutra – de modo que, qualquer diálogo é tratado como inscrito em um dado momento histórico particular e significativo.

Assim, também, deixa-nos entender a proposta da Análise do Discurso Francesa, na qual Michel Pêcheux nos legou que a língua não existe na “forma de um bloco homogêneo de regras organizadas à maneira de uma máquina lógica.” (PÊCHEUX, apud ORLANDI). Nesse sentido, Bakhtin, ainda, esclarece-nos que a linguagem revela o inconsciente, mas o socializa e que, na Literatura, existe um campo fértil para o estudo da dialogia – na ciência Linguística, Bakhtin e Benveniste nos diz que a linguagem é, fundamentalmente, dialógica – os personagens dialogam entre si ou com o leitor; o autor faz diálogo com os leitores; o leitor dialoga com o texto lido.

Nitidamente, em *Conto de Escola*, o professor transmitiu aos seus alunos a ideologia da escola – existiam regras a serem seguidas, caso contrário lá estava pendurada a terrível palmatória para punição. Ainda, existe um ponto negativo sobre a imagem do professor em *Conto de Escola*, que diz respeito ao acatamento, por parte de Policarpo, ao relato que Curvelo lhe faz, ou seja, o mestre incentiva o delator, ouvindo e acatando o seu relato e continua a sua descompostura com agressão física: “...me deixaram as palmas vermelhas e inchadas.” (ASSIS, 1987, p. 225); em seguida agressão verbal: “Chamou-nos sem-vergonhas, desaforados...” (ASSIS, 1987, p. 225). Somam-se a todas às considerações feitas, neste trabalho, uma conclusão sobre a reflexão da identidade e a representação do professor, visando, sobretudo, descobrir qual é a imagem do professor que viveu na sociedade brasileira na época em questão; Joaquim Maria Machado de Assis, por meio da desmedida plasticidade em *Conto de Escola*, põe-nos a viver, literalmente, conceitos importantíssimos para a compreensão do coletivo, dos sujeitos determinados sócio-histórico-ideologicamente.

A violência presente na narrativa machadiana

Nessa perspectiva, destacamos ainda no conto de Machado de Assis tanto a violência doméstica quanto a violência na escola, pois ambas fazem parte da vida do menino Pilar; além de concentrarem-se em uma das temáticas mais recorrentes do conto, as quais tratarão da educação e da escola. Embora tal conto seja uma narrativa curta, Machado de Assis busca por meio de um estilo refinado e concebido como “boa linguagem” demonstrar as relações travadas no espaço da sala de aula, em que tanto a criança quanto o adulto e até mesmo a instituição de ensino perpassam uma situação de dominantes e dominados. Ou seja, temos que este momento ainda que escrito no período regencial, possui alguns resquícios dos moldes como se conduz a escola atual, haja vista que esta ao mesmo tempo que tenta ensinar e/ou educar os seus alunos, conseqüentemente homogeneiza tais educandos, fazendo com que os mesmos passem

por um processo de assujeitamento, negando assim o seu papel de formar sujeitos-autores críticos e reflexivos.

Inicialmente, ressaltamos que na escrita machadiana, por caracterizar-se de múltiplas facetas, é necessário que o leitor esteja atento às peripécias que Machado destaca em suas obras, ora no conto ora no romance, uma vez que ao lê-lo somente com os olhos convencionais não perceberá que em meio a tantas minúcias, a sua ficção ainda deixa o leitor confuso; já que é característico das obras machadianas deixar as coisas um pouco soltas, criando até situações complexas que não são resolvidas. Diante de tais exposições, acrescentamos na perspectiva de Antônio Cândido, em seu livro “*Vários Escritos*” que,

Muitos dos seus contos e alguns dos seus romances parecem abertos, sem conclusão necessária, ou permitindo uma dupla leitura, como ocorre entre os nossos contemporâneos. E o mais picante é o estilo guindado e algo precioso com que trabalha e que se de um lado pode parecer academismo, de outro sem dúvida parece uma forma sutil de negaceio, como se o narrador estivesse rindo um pouco do leitor. Estilo que mantém uma espécie de imparcialidade, que é a marca pessoal de Machado, fazendo parecer duplamente intensos os casos que apresenta com moderação despreocupada (CÂNDIDO, 1995, p. 26).

A partir da análise da escrita machadiana, bem como de suas características autobiográficas presentes no “*Conto de Escola*” elucidamos que a época retratada na narrativa concentra-se no período regencial, momento este de acordo com Alfredo Bosi (2007) que o autor investiga o comportamento humano através das palavras e dos silêncios dos seus personagens. Com isso, podemos enfatizar que as atitudes tanto do Professor Policarpo, quanto do pai do menino Pilar nada mais são que reflexos de uma sociedade escravocrata e paternalista de meados do século XIX.

Os personagens, o professor e o pai de Pilar representam perfis “dominadores” no conto em relação ao menino que nem sequer gostava da escola, mas era obrigado a assistir às aulas todos os dias, pois se não apanharia do pai, o qual “Era um velho empregado do Arsenal de Guerra, ríspido e intolerante.”(ASSI, 2002, p.31). Além do mais, Pilar como qualquer outra criança da época preferiria ficar brincando em locais abertos, o que lhe garantia maior liberdade, do que ir para a escola. No entanto, depois de ter faltado dois dias de aula, o pai aplica-lhe um castigo (uma sova de vara de marmeleiro), o que o faz retornar à escola. Nesse momento, Pilar conhece Raimundo, filho do professor Policarpo, que lhe faz uma proposta: ensinar-lhe uma determinada lição em troca de uma moeda de prata. Tal feito foi delatado por outro aluno ao professor, o qual castiga os meninos: Pilar e o próprio filho, designando-os com as mais duras palavras, agredindo-os verbalmente e fisicamente com a palmatória.

Desse modo, torna-se evidente que naquela época (fim da Regência) a violência tanto física quanto moral eram tidas como instrumento de correção e opressão no trato com os alunos, já que instrumentos como: palmatória, a vara de marmelo, o cipó, a pancada ou o empurrão, o cascudo, o beliscão, o puchão de orelha, o safanão, entre outros; eram castigos comuns empregados pelos professores aos alunos indisciplinados. Com isso, podemos analisar o espaço escolar como uma representação das relações de poder, discutidas por Michel Foucault (2002, p. 12), em seu livro “*A verdade e as formas jurídicas*” ao destacar que “O sistema escolar é inteiramente baseado em uma espécie de poder judiciário. A todo momento se pune e se recompensa, se avalia, se classifica, se diz que é o melhor, quem é o pior.”

Nesse sentido, salientamos como de extrema relevância para o contexto da instituição de ensino a realização de uma análise, assim como uma problematização das práticas escolares com o objetivo de se “trazer à luz” o que se encontra obscuro, no sentido de tornar cada vez mais visível os sujeitos críticos e reflexivos que, por sua vez, estão sendo formados no ambiente escolar. Quanto à disciplina que precisa ser bem articulada no espaço escolar, não como meras atividades coercivas, mas de modo que o aluno com-

preenda o sentido da mesma para a sua trajetória de vida; apresentamo-la como importante na produção de saberes necessários ao aprimoramento da sua utilidade na vida do sujeito. Assim sendo, a disciplina deve ser entendida como um mecanismo capaz de desempenhar um papel positivo no sentido de fazer crescer as potencialidades dos indivíduos e não no sentido de imposição de limitações, proibições e obrigações.

Considerações finais

O “*Conto de escola*” não é de estilo propriamente machadiano, pois em seu conteúdo destaca-se a esperança. Isto é, existe a possibilidade de que, na inocência das crianças, o rumo ético e político da nação possa ser mudado, seria a representação da ideia de que as gerações seguintes poderiam vir a ser mais honestas e de bom caráter. O autor demonstra tal posicionamento a partir do instante em que descreve o fato de o som de um tambor, juntamente da marcha militar, se tornar mais importante, aos olhos de Pilar, do que uma moeda de prata. Dessa forma, Machado de Assis deu um final puramente lírico ao conto, fazendo com que a batida do tambor induzisse o herói a abandonar a ideia de vingança contra Curvelo e desistir de encontrar a moeda, representando assim a alegria e ingenuidade da criança, vivida naquele momento.

Entretanto, pode-se discordar de tão inocente interpretação, pois como Sônia Brayner comenta: “Nunca o texto de Machado é gratuito, mera forma de transmitir uma situação mais ou menos verossímil: o demônio da crítica sempre está presente” (BRAYNER, 1982, p. 433-34). Nesse viés, essa não foi apenas mais uma das histórias de Machado de Assis, mas uma forma que ele encontrou para fazer uma crítica a sociedade e a infância, visto que essa, muito cedo, é corrompida. Percebe-se isso pelo fato de Machado se importar em caracterizar o tambor, no final da história, como o diabo do tambor. Crê-se que nesse termo se faz presente, mais uma vez, bem como nas demais obras da chamada segunda fase, o pessimismo e a ironia do autor, pois considerando-se que o conto foi narrado na primeira

pessoa do singular, trata-se, portanto, do relato feito pela personagem sobre suas lembranças em um determinado momento de sua vida. Segundo Meyer (1982), quando ocorre no texto a exposição dessas frases ou pensamentos do próprio autor isso pode ser denominado “pseudo-autobiografias”:

[Obras] enquadradas num só esquema, onde vagamente imaginamos um Eu fantasiado de Si Mesmo, a insinuar confidências indiscretas, a dosar ficção e confissão, a costurar pedaços de vivência com o fio da fantasia (MEYER, 1982, p. 357).

Por conseguinte, como já foi dito o poder tende a corromper, como aconteceu com Pilar e Raimundo, mas que foram levados ao arrependimento, mesmo que forçado, graças à correção, do professor Policarpo, eles não foram corrompidos absolutamente, sendo possível perceber a ingenuidade da infância no episódio do tambor, mesmo que a perspectiva do futuro fizesse crer que os adultos, detentores de todo poder, se corrompem absolutamente, sendo dificilmente levados ao arrependimento.

Referências

ASSIS, M. de. *Machado de Assis: seus 30 melhores contos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

BOSI, A. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

BRAYNER, S. “*Metamorfozes machadianas*”. In: BOSI, A. et al. *Machado de Assis (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos)*. São Paulo: Ática, 1982.

CÂNDIDO, A. *Do Romantismo ao Simbolismo*. São Paulo: 9 ed. Vol II. Ed Difel, 1981.

CÂNDIDO, A. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COELHO, N. N. *A literatura Infantil*. 3 ed. Ed Quíron, 1984.

FOUCALT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002. LAJOLO, M.; SILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira*. 6 ed., Edit. Ática, 1999.

MEYER, A. “O romance machadiano: O homem subterrâneo”. In: BOSI, A. et al. *Machado de Assis (Coleção Escritores Brasileiros: Antologia e Estudos)*. São Paulo: Ática, 1982.

MOISÉS, M. *História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1984.

ORLANDI, E. P. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

RONCARI, L. *Machado de Assis: o aprendizado do escritor e o esclarecimento de Mariana*. Rev. Brás. Hist. vol. 25, nº 50. São Paulo: Revista Brasileira de História, 2005.

SACCO, W. C. *Representação e Identidade do Professor em Conto de Escola de Machado de Assis*. IN: Fundamentos Filosóficos e Epistemológicos da Educação – FFEE.